



LIVRO 27 - O MENINO QUE VIROU PORQUINHO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Síntese:

O livro conta a história de Cotoco, um porquinho que nasceu em uma fazenda e chamava a atenção de todos pelo fato de ter o nariz e as orelhas muito parecidas com as de um menino. Mas, alguns dias após o nascimento, Cotoco começou a ter lembranças que ele era um menino de verdade. Cotoco sentia falta de seus pais, sua irmã, seus avôs, seus amigos e sua escola. Cotoco não compreendia como podia ter se transformado em um porquinho. E lembrou-se dos constantes alertas de todos para os seus péssimos hábitos de higiene. Ele era chamado de porquinho quase todos os dias. E Cotoco não se conformava em viver na sujeira do chiqueiro. E o que foi pior ainda – ficou sabendo do abate de seus primos. Apavorado, começou a gritar. Foi quando seus gritos foram ouvidos e seus pais correram para o seu quarto. Era Pedrinho que acabava de sair de um terrível pesadelo em que tinha se transformado em um porquinho. O pesadelo serviu para que Pedrinho passasse a obedecer as recomendações de todos para um melhor comportamento com relação à sua higiene pessoal. E Pedrinho se tornou um exemplo para todos pela mudança de comportamento que teve e por suas iniciativas de ajudar para um melhor meio ambiente.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Era madrugada na Fazenda Santa Cruz. A Lua parecia até o Sol. Ela tinha tanta claridade que iluminava todo o terreiro.

Tonico dormia profundamente enrolado em seu cobertor. Ele gostava de dormir assim, mesmo quando estava calor.

No chiqueiro a agitação era muito grande. Algo estava acontecendo que chamava a atenção de todos os porcos. A cachorra Lana latia sem parar.

Tonico não demorou a acordar com todo este barulho. Assustado, Tonico pensava:

- Será que era ladrão querendo roubar os porcos?
- Será que era alguma onça rondando o terreiro?
- Ou seria um lobisomem vagando pela Lua cheia?

Com estes pensamentos, Tonico se escondeu debaixo da cama e gritou para o seu pai:

- Paiê! Tem um lobisomem lá fora!

O seo Ademir, pai de Tonico, já estava acordado e procurou acalmar o Tonico:

- Tonico, vê se dorme que ainda é cedo! Lobisomens não existem!

E saiu para ver o que estava acontecendo.

Não demorou muito para o seo Ademir descobrir o que estava provocando todo aquele alvoroço. A porca Porcana deu cria e nasceram treze lindos porquinhos.

Todos os porcos vinham para ver a nova família do chiqueiro, fazendo grande barulho.

Entre os porquinhos, nascia Cotoco, o mais esperto e o menor de todos.

Mas, Cotoco logo chamou a atenção do seo Ademir. Ele era diferente dos seus irmãos porquinhos. Ele tinha as orelhas e o nariz muito parecido com as orelhas e nariz de um menino.

- Que coisa estranha! Nunca nasceu um porquinho assim na fazenda com cara de menino! Disse o seo Ademir intrigado.

A disputa pelas tetas da mãe era muito grande. Todos os porquinhos queriam o precioso leite da Porcana.

Cada um procurava afastar com o focinho o outro para garantir um bom lugar. Cotoco, por ser o menor, ficava em desvantagem.

Ele tinha que se contentar com a teta menor e a que tinha menos leite. Mas, como era pequenino, um pouco de leite já o alimentava.

Porcana estava feliz e se deitava oferecendo suas tetas para todos os filhotes. Ela sentia cócegas com o toque de cinquenta e dois pezinhos de todos os filhotes sobre sua enorme e gorda barriga.

Todos na fazenda estavam muito felizes.

Tonico estava feliz por ter mais treze amiguinhos porquinhos para brincar.

Porcana estava feliz com seus treze lindos filhotes.

Porcão, pai de Cotoco, estava feliz e muito orgulhoso por ser pai de mais treze filhotes bonitos e sadios. Porcão ficava apenas desconfiado de um de seus filhotes se parecer mais com um menino.

Mas, a cachorra Lana estava muito preocupada. Ela sabia que teria mais treze porquinhos para infernizar sua vida, roubando sua comida e sujando sua água.

Mas, Cotoco e seus irmãos ignoravam toda esta movimentação. Eles queriam mais é mamar e dormir na barriga gorda e quentinha de sua mãe.

Às vezes, eles acordavam e se assustavam com os latidos de Lana. Quando isto acontecia, eles corriam para baixo de sua enorme mãe para se proteger.

Se não estavam comendo, estavam fazendo outra coisa que gostavam muito - banhar-se na lama do chiqueiro.

Assim, os porquinhos viviam alegres e brincalhões. Eles corriam uns atrás dos outros e mordiam as enormes orelhas de sua mãe. E, comiam, comiam muito, engordando cada vez mais.

Menos Cotoco...

- Mas, onde estou? O que estou fazendo aqui no meio de todos estes porcos? Onde está minha mãe, meu pai, minha irmã e meus amigos? Pensava Cotoco.

Quando amanhecia, Cotoco procurava seu quarto e seu material escolar para se arrumar para ir para a escola:

- Onde está minha casa? Onde está o meu quarto? E minha mochila com meus cadernos da escola? Por que minha mãe não me chamou? Estranhava Cotoco.

Levou vários dias para Pedrinho cair na realidade - ele havia se transformado em um porquinho! Agora ele era o Cotoco.

- Meu Deus! Eu agora sou um porquinho? O que será de mim!

Dizendo isto, Cotoco procurou sair do chiqueiro, mas não conseguiu. No canto do cercado, ele chorava sem parar.

Porcana ficou preocupada de ver um de seus filhotes afastado dos outros, chorando no canto do cercado do chiqueiro. E procurou empurrar Cotoco com o seu focinho até trazê-lo de volta junto aos seus irmãos.

- Cotoco, não se afaste de mim! Isto pode ser perigoso para você! Alertava Porcana.

Cotoco não se conformava de ter virado um porquinho.

- Como isto foi acontecer comigo? E meus pais, não estão com saudades de mim? Não estão me procurando? Será que eles vão me achar aqui no chiqueiro? E minha professora vai sentir minha falta nas aulas? E meus amigos, como vão jogar futebol sem a minha bola? Pensava Cotoco muito triste.

Cotoco não aceitava a sua nova realidade

Ele detestava a sujeira do chiqueiro! Ele procurava sempre o canto mais limpo.

O seo Ademir lavava o chiqueiro todos os dias. E Cotoco corria para ficar embaixo da mangueira de água e se lavar. Assim, às vezes, ele ficava branquinho e limpinho.

Comida não faltava aos porcos. O seo Ademir dava comida à vontade para todos eles. Ele queria ver os seus porcos gordos, quanto mais gordos melhor. Mas, por que será que o seo Ademir queria seus porcos muito gordos?

Quando já estavam com dois meses, os porquinhos começaram a andar por todos os lados do chiqueiro.

De vez em quando, o seo Ademir deixava a porta do chiqueiro aberta. Assim, os porquinhos podiam passear um pouco pela fazenda. Enquanto eles passeavam lá fora, o seo Ademir lavava o chiqueiro.

Quando Lana tomava banho com sabão e água da mina, Cotoco se aproximava do seo Ademir para ser lavado também. Ele queria sempre ficar bem limpinho e cheiroso.

Certo dia, Cotoco parou em frente a outro chiqueiro. Lá ele conheceu vinte e cinco primos. E não se conformava de ver todos eles muito sujos. Todos gostavam de se esfregar e dormir na lama. Não encontrou nenhum primo que fosse como ele - limpinho e branquinho.

Todos eram muito gordos e sujos. Cotoco arriscou uma pergunta:

- Ei, primos! Eu sou o Cotoco! Por que vocês não vêm tomar banho comigo?

Os porcos olharam uns para os outros achando estranha a pergunta do novo primo. Ai, um deles falou:

- Você é novo por aqui mesmo, não? Ainda não falaram para você que porcos gostam de sujeira? Nós adoramos a porcaria!

- Porcaria? Perguntou Cotoco de volta.

- Ei, porcada, ele não sabe o que é a porcaria! Porcaria é imundice, sujeira da pesada, muita lama.

- Ele não sabe como é gostoso se esfregar e deitar na porcaria do chiqueiro! Diziam outros.

E todos riram de Cotoco que se retirou triste e inconformado.

- Porcaria... Porcaria! Como pode estes meus primos gostar tanto assim de sujeira!

À noite, enquanto seus irmãos dormiam, Cotoco pensava em sua vida de criança, em casa com sua família, na escola com seus amigos.

E ele se lembrava de todos os dias alguém o chamando de porco ou porquinho!

- Pedrinho! Lave as mãos antes de comer! Você parece um porquinho comendo com estas mãos sujas! Dizia sua professora na hora do lanche na escola.

- Pedrinho! Lave estas orelhas e estes pés encardidos! Você parece um porquinho! Dizia sua mãe na hora do banho.

- Nossa! Este menino parece um porquinho. Veja a sujeira que ele deixou na praia! Diziam alguns banhistas.

- Pedrinho! Você está um nojo! Veja como sua camisa está suja de macarrão! Você é mesmo um porquinho! Dizia Mariazinha, sua melhor amiga.

- Pedrinho! Vou escrever um bilhete para sua mãe! Seus cadernos da escola estão uma imundice! Todos estão sujos. Você quer ser um porquinho quando crescer? Dizia seu professor.

- Pedrinho, vá lavar e pentear estes seus cabelos! Seus amigos não vão aguentar este cheiro de gambá que está em seus cabelos! Você é um menino ou um porquinho? Dizia seu pai.

- Pedrinho, você não vai poder entrar na escola com estes sapatos e estas calças sujas de barro! Você é o mais porquinho da turma! Dizia o monitor da escola.

- Pedrinho, limpe este nariz! Não dá para a gente comer junto com você! Você parece um porco! Dizia sua irmã.

- Pedrinho, você não consegue ficar uma hora sem sujar e encardir suas roupas! Você parece ser mais um porquinho! Dizia Laura, a assistente doméstica da casa.

- Oh, seu porco! Não jogue lixo pela janela do carro! Gritavam os motoristas.

- Papel do sorvete se joga no cesto de lixo, seu porquinho? Você não sabe ler? Diziam as pessoas que passavam pelas calçadas.

- Pedrinho, corte estas unhas que vivem com sujeira! Suas mãos parecem pés de porco! Dizia sua avó.

- Pedrinho, que horrível estes dentes amarelos! Há quanto tempo você não escova estes dentes? Seus dentes parecem dentes de porco! Dizia seu avô.

- Pedrinho, lave o rosto! Você acabou de acordar! Sua cara parece uma cara de porco! Reclamava sua mãe.

- Pedrinho, você não sabe para o que serve um guardanapo? Credo! Limpe esta boca que está toda suja de molho! Estamos em um restaurante. O pessoal vai achar que você é um porquinho! Dizia sua irmã.

Depois de algum tempo, Cotoco conseguia dormir um pouco.

Mas, como todo filhote, Cotoco queria mais era brincar. Uma das brincadeiras que ele mais gostava era pegar a lata da comida da Lana e sair correndo. E ela saía atrás dele pelo terreiro.

Certo dia, Cotoco resolveu perguntar para sua mãe por que os porcos gostavam tanto da sujeira:

- Cotoco, você é muito novo e deve mais aproveitar para comer bastante, brincar e se divertir. Não se preocupe com isto. Mais cedo ou mais tarde, você também vai se acostumar viver na sujeira!

Assim, Cotoco seguia os conselhos de sua nova mãe. E aproveitava para brincar, comer, passear, comer. Quando estava solto, visitava os lugares da fazenda onde tinha mais chiqueiros e pensava:

- É verdade! Todos os porcos parecem que adoram viver na sujeira. Mas, eu não quero ser assim!

Com o tempo, Cotoco passou a ser o porquinho mais limpinho e branquinho entre todos os outros porcos. Mas, isto durava pouco.

Muitas vezes dentro do chiqueiro, Cotoco tinha que se deitar no chão sujo. Ele não achava um canto limpo. Nas brincadeiras com os seus irmãos, ele ficava mais sujo ainda.

Em uma preguiçosa manhã de calor, Cotoco dormia tranquilamente. Apesar de infeliz no chiqueiro, ele procurava o canto menos sujo para ficar. De longe, ele viu dona Vilma lavar roupa no tanque. Uma água limpa e clara saía da torneira. E ele pensou:

- Preciso dar um jeito de sair deste chiqueiro. Quem sabe a mãe do Tônico me dá um belo banho!

Cotoco conseguiu sair do chiqueiro por debaixo da cerca. Esta era uma vantagem de seu pequeno tamanho.

Ele foi até o tanque e procurava chamar a atenção de dona Vilma. Cotoco, ao ver uma bacia com água no chão, imediatamente entrou na bacia e começou a se banhar. Dona Vilma achou engraçado e até chegou a jogar alguns baldes com água nele.

Mas, sua alegria durou pouco com a chegada do seo Ademir:

- Vilma, o que este porquinho está fazendo fora do chiqueiro! Ele não pode sair de lá!

E com uma varinha na mão, o seo Ademir levou o Cotoco em direção ao seu chiqueiro.

Cotoco sempre pensava:

- Mas, se eu gostava tanto de sujeira quando era um menino, por que não gosto de viver na sujeira agora?

- Bem, mas esta sujeira é bem pior do que a minha sujeira quando eu era criança!

- Em casa não tinha sujeira, nem na minha escola. Agora, vivo na sujeira em todos os lugares do chiqueiro!

- Em casa eu tomava banhos todos os dias e ia dormir limpinho! Agora, não consigo tomar banho e durmo na lama suja e fedida!

Em uma de suas andanças pelos chiqueiros da fazenda, Cotoco encontrou Banha.

Banha era uma porquinha gordinha que ele gostava muito e lhe perguntou:

- Banha, sua mãe já lhe explicou por que os porcos gostam tanto de sujeira?

- Já, Cotoco. Aliás, qual o porco que não gosta? Porcos nasceram para viver em chiqueiros, no meio da porcaria!

- Mas, Banha! Eu não gosto! Eu não gosto! Pelo menos, agora, não gosto mais!

Banha explicou isto com a maior naturalidade e aceitação. Ela viu seus avós, pais, tios, primos todos viverem na sujeira.

- Mas, Banha, você aceita isto? Não vai lutar contra isto?

- Cotoco, só rindo de suas perguntas. Nós não podemos fazer nada. Quer um conselho? Vá comer e se divertir. E vá se acostumando a viver na sujeira!

Os dias seguintes foram terríveis para Cotoco.

Ele não queria viver no chiqueiro para toda a vida.

- Viver na sujeira para sempre! Não, isto não! Pensava revoltado.

O que mais aborrecia Cotoco era ver como todos os porcos do chiqueiro aceitavam viver em um chiqueiro sujo uma vida toda. Isto incluía seus pais e seus irmãos.

Eles se preocupavam apenas em comer, comer, comer cada vez mais. Aceitavam isto de cabeça baixa. Porcos andam sempre de cabeça baixa.

Mas, Cotoco não. Ele queria viver branquinho e limpinho. Viver no chiqueiro para sempre, nem pensar.

E Cotoco sempre pensava com muita tristeza:

- Ah! Que saudades do meu tempo de menino, junto com meus pais e minha irmã, na minha casa e no meu quarto limpinho! Lamentava Cotoco.
- Eu não devia viver sempre sujo como eu fazia quando era criança! Agora, sou um porquinho e vivo dia e noite na sujeira!
- Minha professora tinha razão quando me mandava lavar as mãos antes de comer!
- Minha mãe tinha razão quando me mandava lavar as orelhas e pés encardidos!
- Os banhistas tinham razão quando eu deixava um monte de sujeira na praia!
- Mariazinha tinha razão quando falava que minha camisa estava um nojo suja de macarrão!
- Meu professor tinha razão quando dizia que meus cadernos estavam uma imundice!
- Meu pai tinha razão quando me mandava lavar e pentear meus cabelos que cheiravam como gambá!
- O monitor tinha razão quando disse que proibiria minha entrada na escola com sapatos e calças sujas de barro!
- Minha irmã tinha razão quando me mandava limpar o nariz!
- A Laura tinha razão quando dizia que eu não conseguia ficar uma hora sem sujar e encardir minhas roupas!

- Os motoristas tinham razão quando me xingavam por jogar lixo pela janela do carro!
- As pessoas que passavam pelas calçadas tinham razão quando eu jogava papel de sorvete no chão e não nas lixeiras!
- Minha avó tinha razão quando dizia para eu cortar as unhas cheias de sujeira!
- Meu avô tinha razão quando me mandava escovar os meus dentes sempre amarelos de sujos!
- Minha mãe tinha razão quando me mandava lavar o rosto após acordar!
- Minha irmã tinha razão quando me chamava a atenção para o uso do guardanapo para limpar a boca suja de molho!
- Todos tinham razão! Eu era mesmo um porquinho e não percebia isto! Agora, fui castigado e virei um porquinho de verdade para sempre!

Nos dias que se seguiram, Cotoco tinha somente um pensamento – como fugir do chiqueiro e procurar sua casa, indo ao encontro de seus pais, sua irmã e seus amigos que amava tanto.

E esta oportunidade surgiu. Através de um buraco no cercado, Cotoco escapou e fugiu da fazenda. Ele passou a noite toda andando pelos campos até chegar à cidade e ao bairro onde morava.

Finalmente, ele chegou à sua casa pela manhã. Todos já estavam acordados e sua mãe preparava o café da manhã na cozinha.

Cotoco não teve dúvidas. Forçou a porta com seu focinho e entrou todo feliz, gritando para sua mãe!

- Mãe, querida! Que saudades! Eu estou aqui de volta! Sentiram minha falta?

Dona Amélia se assustou com a presença de um porco em sua casa e gritou:

- Socorro! Corram! Tem um porquinho aqui em casa! Ele está sujando toda a casa com seus pés cheios de lama! Ai, que nojo! Tirem este porquinho daqui!

- E vejam que orelhas e focinho horríveis! Parecem até com orelhas e nariz de gente! Repetia sua mãe.

Cotoco gritava desesperado, dizendo:

- Mãe, sou eu! O Pedrinho!

Mas, sua mãe o ouvia falar assim:

- Oinc... Oinc... Oinc... Oinc... Oinc!

E o seu pai pegou uma corda, amarrou a corda em seu pescoço e o levou para fora. Depois, chamou os bombeiros para que devolvesse o porquinho atrevido e fujão de volta para o seu chiqueiro, que era o seu lugar.

Cotoco chorava sem parar:

- Oinc... Oinc... Oinc... Oinc... Oinc!

- Meus pais não me reconheceram! Agora, está tudo perdido! Eu vou ter que viver no chiqueiro para sempre! Lamentava Cotoco.

Os bombeiros levaram Cocoto de volta para o chiqueiro. Porcana estava aflita. Ela andava de lá para cá no chiqueiro sentindo a falta do seu filhote pequenino. Quando o seu Ademir colocou o Cocoto de volta no chiqueiro, Porcana ficou toda contente e correu em sua direção, dizendo:

- Oinc... Oinc... Oinc... Oinc... Oinc?

Na linguagem dos humanos Porcana queria dizer:

- Meu filho! O que aconteceu?

Cotoco limitou-se a procurar a barriga quente de sua segunda mãe e se aquecer. Ele sentia sono e estava muito cansado.

Em uma preguiçosa manhã de calor, Cotoco dormia tranquilamente em uma poça de água limpa perto do tanque onde dona Vilma, mãe de Tônico, lavava roupa.

Foi quando ele ouviu um barulho de um caminhão que entrava pela porteira da fazenda. O seo Ademir, imediatamente, foi ao encontro do caminhão indicando o local do chiqueiro.

De lá, Cotoco viu cerca de 100 primos seus já crescidos e gordos serem levados para o caminhão e correu para junto de sua mãe, perguntando:

- Mãe, para onde estes homens estão levando nossos primos?
- Cotoco, eles já estão prontos para o abate e estarão viajando por uma longa estrada e não voltarão mais à fazenda.
- É, mãe? E isto é bom para eles?
- Filho, todos nós porcos da fazenda nascemos com esta finalidade. O seo Ademir somente nos tem aqui com a finalidade do abate. Isto é algo que todos nós sabemos e procuramos aceitar com resignação!
- Mãe, pelo tom de suas palavras, parece que este abate não é bom para nós!
- Cotoco, pense desta forma - nós apenas existimos por causa do abate. Assim, ele é bom para nós!

Cotoco ficava cada vez mais intrigado com este misterioso abate. Mas, algo em seu enorme coração de porco dizia que isto não era uma coisa boa para ele. E ele prometeu descobrir isto!

E não demorou muito para ele descobrir o real significado da palavra abate. Em uma de suas andanças pelo chiqueiro, ele encontrou Banha e lhe perguntou:

- Banha, sua mãe já lhe explicou o que é o abate?
- Já, Cotoco. Quando eu completei dois meses ela me falou a respeito.

- Mas, Banha o que é o abate? Sinto que minha mãe Porcana está evitando falar sobre este assunto.

- Cotoco, o abate é o meio que os homens criaram para nos tornar úteis para eles. São milhões e milhões de seres humanos que dependem de nós para sobreviver.

- Dependem de nós, Banha. Como?

- Cotoco, eles comem muito e precisam de muitas coisas para comer, como arroz, feijão, verduras, frutas, carnes, embutidos, enlatados.

Cotoco começou a sentir um frio gelado correr por sua espinha e estava com medo de continuar perguntando. Mas, sua curiosidade era maior:

- Comer carne? Os homens comem carne? Carne de que?

- Eles comem todos os tipos de carnes, principalmente a carne de boi, frango e porco. Têm alguns homens que comem até a carne dos pobres animaizinhos da floresta. Com a carne de porco eles gostam muito de fazer linguiça, pernil, presunto. Os porcos mais gordos e bonitos vão para a fábrica de presunto.

- Quer dizer então que o abate significa nos matar para comer?

- Cotoco, os humanos não usam o verbo 'matar'. Esta palavra é muito forte para eles! Eles preferem usar o verbo 'abater' que fica mais suave.

- Abater ou matar para mim é a mesma coisa! Eu não quero ser abatido ou morto para virar presunto!

Banha explicou isto com a maior naturalidade e resignação. Ela viu seus avós, pais, tios, primos irem para o abate. Ela sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria a hora dela e de seus irmãos.

- Mas, Banha, você aceita isto? Não vai lutar contra isto?

- Cotoco, quer um conselho? Vá comer e se divertir. Não fique preocupado muito com o abate. Sua mãe não falou que se não fosse o abate você nem estaria aqui? Portanto, você ainda está ganhando!

Os dias seguintes foram terríveis para Cotoco.

Ele não queria ir para o abate, muito menos virar presunto e ser comido pelos homens, apesar de gostar tanto de ver as crianças comendo um gostoso sanduíche de presunto. “Mas, à custa de minhas pernas e lombo? Não, isto não”, pensava revoltado.

E, infelizmente, chegou o dia de Cotoco subir no caminhão e pegar a longa estrada sem volta para a fazenda.

E Cotoco gritava desesperado:

- Socorro! Alguém me ajude! Eu não quero ir para o abate! Carne de porco faz mal à saúde! Eu não quero virar presunto!

E Cotoco gritava cada vez mais alto, sem parar:

- Socorro! Não me levem para o abate! Não me levem para o abate!

•••

Na casa de Pedrinho todos ouviram os seus gritos vindos do quarto e correram para ver o que estava acontecendo.

Pedrinho estava na cama, suando e com febre, gritando alto:

- Socorro! Não me levem para o abate! Não me levem para o abate!

Sua mãe sentou-se ao seu lado na cama e falou com ele:

- Pedrinho! Pedrinho! Acorde! O que está acontecendo com você meu filho? Por que você está gritando deste jeito? Que abate é este?

Pedrinho foi se acalmando ao ouvir a voz de sua mãe e, finalmente, acordou:

- Mãe! Pai! Eu voltei a ser menino? Não sou mais um porquinho?

- Meu filho, você está delirando! Você nunca foi um porquinho! Você teve um grande pesadelo, meu filho! Disse o seu pai.

Pedrinho levantou-se e abraçou sua mãe e seu pai fortemente, dizendo:

- Mãe! Pai! Eu amo muito vocês! E prometo que nunca mais vou ser um porquinho!

Todos riram das palavras sem sentido de Pedrinho.

- Acho que ele teve uma febre forte! Precisamos marcar uma consulta médica para ele. Disse a mãe de Pedrinho.

- Com certeza! Mas, agora parece que ele está melhor. Pelo jeito, ele teve um terrível pesadelo! Respondeu seu pai.

Pedrinho aos poucos voltou para a sua realidade. Era o Pedrinho de sempre. O pesadelo acabou.

Em sua memória, ainda estavam as lembranças da Fazenda Santa Cruz, da Porcana, de Porcão, da Lana, dos seus 12 irmãozinhos, de Tônico, da dona Vilma e do seo Ademir.

- Meu Deus! Mas, que pesadelo horrível! Tudo parecia tão real!

A verdade é que este terrível pesadelo serviu para Pedrinho como lição. Ele não queria que mais ninguém tivesse motivos para chamá-lo de porquinho.

Assim, ele passou a ser um exemplo de menino que se cuidava e se apresentava sempre limpinho. Sujeira e comportamento de porquinho para ele passaram a ser coisa do passado.

E os elogios que passou a receber comprovavam esta mudança de comportamento de Pedrinho:

- Pedrinho! Parabéns, você agora lava as mãos antes de comer! Dizia sua professora na hora do lanche na escola.

- Pedrinho! Parabéns, você agora lava as orelhas e os pés direitinho! Dizia sua mãe na hora do banho.

- Menino, parabéns! Você agora recolhe toda a sujeira que fez na praia. Diziam alguns banhistas.

- Pedrinho! Parabéns, você agora está sempre com a camisa limpa! Dizia Mariazinha, sua melhor amiga.
- Pedrinho! Parabéns, vou escrever um bilhete para sua mãe dizendo que seus cadernos estão limpos e bem cuidados! Dizia seu professor.
- Pedrinho! Parabéns, seus cabelos estão lavados, penteados e cheirosos! Dizia seu pai.
- Pedrinho! Parabéns, você é um exemplo para todos os alunos pela limpeza de seus sapatos e calças! Dizia o monitor da escola.
- Pedrinho! Parabéns, você agora está sempre com o nariz limpo! Dizia sua irmã.
- Pedrinho! Parabéns, você está sempre com suas roupas limpas! Dizia Laura, a empregada da casa.
- Olha que menino educado! Ele não jogou o lixo pela janela do carro e pôs na lixeira do carro! Diziam os motoristas.
- Vejam que menino bem comportado. Ao invés de jogar o papel de sorvete no chão, ele jogou no cesto de lixo! Diziam as pessoas que passavam pelas calçadas.
- Pedrinho! Parabéns, agora você tem sempre as unhas cortadas e limpas! Dizia sua avó.
- Pedrinho! Parabéns, seus dentes estão sempre bem escovados e branquinhos! Dizia seu avô.
- Pedrinho! Parabéns, assim que você acorda você já lava o seu rosto como hábito! Dizia sua mãe.
- Pedrinho! Parabéns, você sabe usar o guardanapo quando está comendo! Dizia sua irmã.

E Pedrinho aprendeu muitos outros hábitos sadios de higiene pessoal e educação, como: não enfiar o dedo no nariz e usar lenço de papel para limpar o nariz; não espirrar ou tossir na cara dos outros; lavar-se todas as vezes que ia ao banheiro, entre tantos outros.

E Pedrinho foi além!

Ele recebeu uma medalha de honra ao mérito dada pela direção de sua escola pela liderança e formação de um grupo de voluntários entre os seus amigos.

O grupo, que se chamava Grupo do Porcão, recolhia vidros, garrafas, sacolas plásticas, latinhas de alumínio, pneus e demais descartes de lixo de calçadas, ruas e terrenos baldios do bairro.

O material descartável era vendido e o dinheiro arrecadado era doado a asilos e orfanatos.

O Grupo do Porcão se reunião quase todos os sábados e percorria os diversos lugares do bairro. Assim, o bairro onde eles moravam estava ficando cada vez mais limpo.

Quando estava na praia, Pedrinho procurava recolher as sacolas plásticas jogadas pelos turistas na areia. Ele sabia que estas sacolas plásticas, quando eram levadas pelas ondas do mar, eram ingeridas pelas tartarugas marinhas. As tartarugas confundiam as sacolas plásticas com as águas-vivas, seu alimento preferido. E morriam.

Mas, Pedrinho não se sujava mais?

Claro que sim! Ele continuou sendo um menino normal como os outros. Ele jogava bola, brincava na grama, no recreio da escola e fazia tudo o que os outros meninos faziam. E, quase sempre, voltava para casa com as mãos sujas, os calçados cheios de barro, as calças com barro e poeira.

Entretanto, o que mudou em Pedrinho foram suas atitudes.

Agora, a primeira coisa que ele fazia, quando chegava em casa vindo das brincadeiras da rua, era lavar suas mãos bem lavadas. Com isto, ele eliminava contaminações por bactérias.

Pedrinho nunca sentava em uma cadeira ou sofá com as roupas sujas. Ele ia direto para o banho e vestia roupas limpas.

Seus pais, sua irmã, seus avôs e até a Laura, a assistência doméstica, viram que Pedrinho passou por grande transformação depois de seu pesadelo.

E, uma noite, pediram para Pedrinho contar o sonho, ou melhor, o pesadelo que teve.

Todos ficaram impressionados com os detalhes do sonho que Pedrinho contava. Ele se lembrava de tudo como se tivesse vivido outra realidade, outra vida.

E todos acharam graça de saber que seu nome era Cotoco, o nome de sua segunda mãe Porcana e o nome de seu pai Porcão!

E, será que não viveu?

Algum tempo depois, o pai de Pedrinho ficou sabendo que perto de onde eles moravam havia uma fazenda chamada Fazenda Santa Cruz! E Pedrinho nunca esteve lá e ninguém da família nunca esteve lá antes!

E, ainda mais - o dono da fazenda era um tal de senhor Ademir, casado com dona Vilma e tinha um filho chamado Antonio.

Eles combinaram visitar esta fazenda. E assim fizeram um final de semana.

A família de Pedrinho foi recebida pelo senhor Ademir. Conversa vai, conversa vem e para completar as coincidências, o senhor Ademir disse que há alguns meses atrás, sua porca deu a cria de 13 filhotes e que, um deles, tinha as orelhas e um nariz diferentes dos outros filhotes!

Mas, que este porquinho um dia desapareceu e nunca mais foi visto na fazenda...

Antes de irem embora da fazenda, Pedrinho foi em direção ao chiqueiro para conhecer o casal de porcos. Lá ele viu uma porca branca muito parecida com Porcana. Ao seu lado, um porco macho, maior ainda, em muito se parecia com Porcão!

Pedrinho riu silenciosamente e se despediu.

Mas, isto tudo é uma simples coincidência, não?

FIM